

**SERGIO BERNARDES EM RORAIMA:  
utopia real na terra do Eldorado**

**SERGIO BERNARDES IN RORAIMA:  
a real utopia in Eldorado's land**

**SERGIO BERNARDES EN RORAIMA:  
una real utopía en la tierra del Eldorado**

**CLAUDIA HELENA CAMPOS NASCIMENTO**

1. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (2013), Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo - UFRR.  
Avenida Ene Garcêz, 2413, bloco V, DAU/CCT – bairro Aeroporto – CEP 69310-000 – Boa Vista/RR  
E-mail: [claudia.nascimento@ufr.br](mailto:claudia.nascimento@ufr.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-1447-4915>

**RESUMO**

O mítico Eldorado foi almejado por suas riquezas infundas e está relacionado com o imaginário amazônico e, em especial, ao Estado de Roraima. A crença na pujança amazônica promoveu, na década de 1970, grande influxo desenvolvimentista para a região, que corresponde ao período em que se inserem as obras de Sergio Bernardes no, então, Território Federal de Roraima. Sérgio Wladimir Bernardes (Rio de Janeiro, 1919-2012), tido como visionário, traz na matéria dos sonhos profícua produção de projetos, planos e ideias, algumas concretizadas. O presente trabalho apresenta as propostas de Bernardes para o estado de Roraima, em especial para a cidade de Caracarái, partindo de revisão bibliográfica, a fim de verificar como se afina o ideário desenvolvimentista institucional para a Amazônia, com as discussões e proposições no campo do desenvolvimento regional consolidadas em publicações sob a assinatura do Laboratório de Investigações Conceituais (LIC), do escritório Sergio Bernardes Associados. O presente artigo se constitui como parte de processo de investigação acadêmica e se estrutura identificando as consonâncias destes discursos e proposições para a região amazônica na década de 1970 - o “modelo hidráulico” proposto por Sergio Bernardes através do LIC - destacando a importância da realização da utopia, em Caracarái, sul do estado.

**Palavras-chave:** Sergio Bernardes; Caracarái/Roraima; Década de 1970; Planos de desenvolvimento para a Amazônia; Laboratório de Investigações Conceituais (LIC).

**RESUMEN**

El mítico Eldorado fue anhelado por sus riquezas interminables y está relacionado con el imaginario amazónico y, en especial, al Estado de Roraima. La creencia en la pujanza amazónica promovió, en la década de 1970, gran influjo desarrollista para la región, que corresponde al período en que se insertan las obras de Sergio Bernardes en el entonces Territorio Federal de Roraima. Sérgio Wladimir Bernardes (Rio

de Janeiro, 1919-2012), tenido como visionario, trae en la materia de los sueños proficua producción de proyectos, planes e ideas, algunas concretizadas. El presente trabajo presenta las propuestas de Bernardes para el estado de Roraima, en especial para la ciudad de Caracaraí, partiendo de revisión bibliográfica, a fin de verificar cómo se afina el ideario desarrollista institucional para la Amazonia, con las discusiones y proposiciones en el campo del desarrollo regional consolidadas en publicaciones bajo la firma del Laboratorio de Investigaciones Conceptuales (LIC), de la oficina Sergio Bernardes Asociados. El presente artículo se constituye como parte de proceso de investigación académica y se estructura identificando las consonancias de estos discursos y proposiciones para la región amazónica en la década de 1970, el "modelo hidráulico" propuesto por Sergio Bernardes a través del LIC - destacando la importancia de la realización de la realización en el municipio de Caracaraí, en el sur del estado.

**Palabras clave:** Sergio Bernardes; Caracarai/Roraima; Década de 1970; Planes de desarrollo para la Amazonía; Laboratorio de Investigaciones Conceptuales (LIC).

#### **ABSTRACT**

The mythical Eldorado was yearned for its endless wealth and is related to the Amazonian imaginary and, especially, to the State of Roraima. The belief in the Amazonian drive promoted, in the 1970s, great developmental influence for the region, which corresponds to the period in which the works of Sergio Bernardes are inserted in the then Federal Territory of Roraima. Sérgio Wladimir Bernardes (Rio de Janeiro, 1919-2012), seen as a visionary, brings in the matter of dreams profitable production of projects, plans and ideas, some materialized. The present work presents the proposals of Bernardes for the state of Roraima, especially for the city of Caracaraí, starting from a bibliographic review, in order to verify how the institutional developmental ideology for the Amazon is refined, with the discussions and proposals in the field of the consolidated regional development in publications under the signature of the Conceptual Research Laboratory (LIC) of the Sergio Bernardes Asociados office. This article is constituted as part of the academic research process and is structured by identifying the consonances of these speeches and propositions for the Amazon region in the 1970s, the "hydraulic model" proposed by Sergio Bernardes through the LIC - highlighting the importance of carrying out the realization in the municipality of Caracaraí, in the south of the state.

**Keywords:** Sergio Bernardes; Caracarai/Roraima; Decade of 1970; Development plans for the Amazon; Laboratory of Conceptual Investigations (LIC).

## ENTRE UTOPIAS E ELDORADOS

A Amazônia é historicamente relacionada à construção imagética de um território de possibilidades que se lançam para além de seus limites. As fronteiras e dimensões da hileia sempre se abriram em perspectivas grandiosas, de promoção de desenvolvimento e progresso, de futuro. A imaginação e a concretização de ideários pontuaram o tempo e espaço amazônico, pois “não existe atividade humana, histórica ou mítica, que dispense referência a um lugar real ou imaginário que lhe sirva de cenário” (SANTOS, 1988, p. 24).



Figura 1: Novo Mapa da Maravilhosa Grande e Rica Terra da Guiana, detalhe.  
Autor Jodocus Hondius, 1598

O Eldorado, origem da crença na pujança amazônica, surge no bojo de narrativas de desbravadores associada a relatos lendários de um lugar, registrado na cartografia histórica (Figura 1) tendo o Lago Parima e a cidade de Manoa como marcos na diplomacia oficial, do lugar de tesouros sonhados pelos colonizadores lusos, como pedras e metais preciosos.

A utopia<sup>1</sup> de Thomas Morus (1480-1535) é concomitante com a descoberta do Novo Mundo sendo a projeção de sua sociedade ideal e autossuficiente. Esse não-lugar, será buscado, assim como as almeçadas riquezas do Eldorado que, segundo o jesuíta João Daniel (1722-1776), é um lugar inexistente<sup>2</sup>, traduzindo-se em literal utopia que será cultivada (DANIEL, 1976). Na fantasia de uma pujante Amazônia, serão traçados outros fluxos históricos exploratórios, nos séculos XVIII, XIX e XX, sendo o segundo fôlego desenvolvimentista do século XX, onde se insere a abordagem deste artigo.

Esta necessária contextualização busca caracterizar e justificar abordagem do título e situar o arquiteto Sergio Wladimir Bernardes (Rio de Janeiro, 1919/2002) neste cenário. A utopia do Eldorado no atual Estado de Roraima, foi também a escolha de um dos lugares notáveis de Bernardes para a introdução de suas ideias de desenvolvimento urbano, discutidas e sistematizadas a partir do Laboratório de Investigações Conceituais (LIC), que compunha o escritório Sergio Bernardes Associados<sup>3</sup>. Segundo o próprio “utopia seria pensar que tal plano será realizado amanhã ou daqui a um século. Realismo é saber que ele pode ser feito”<sup>4</sup> (BERNARDES, 1965, p. 43).

O desenvolvimento do artigo parte deste tempo-lugar em que se edifica a sede da Prefeitura de Caracarái – único projeto reconhecido com a assinatura de Sergio

---

<sup>1</sup> O título original do livro, em latim, *Libellus vere aureus, nec minus salutaris quam festivus, de optimo rei publicae statu deque nova insula Utopia* (Um pequeno livro verdadeiramente dourado, não menos benéfico que entretedor, do melhor estado de uma república e da nova ilha Utopia) aponta para esse diálogo entre o Eldorado e a utopia.

<sup>2</sup> Escrito em meados do século XVIII, padre João Daniel descreve a riqueza da região a partir das suas potencialidades econômicas, aproximando mais à ideia de Paraíso – pela fartura e riqueza de espécies de fauna e flora e seus usos – que a do Eldorado, a qual considerava uma quimera.

<sup>3</sup> “A partir do final dos anos 50, 'o mal estar de viver no feio' foi provocando aquele jovem colecionador de prêmios a direcionar sua inquietação e invenção para a vida de seus semelhantes na cidade. Para melhor desempenhar esse desafio cria o Laboratório de Investigações Conceituais LIC, em junho de 1978. Quer dizer, cria formal e legalmente; porque, como acentua ele, o LIC já existia desde 1959, 'como comportamento’” (BRITTO, in BERNARDES; CAVALCANTI, 2010, p. 130). O próprio arquiteto apresenta que “desde 1957, venho sistematizando estudos sobre o problema urbano no Brasil e fora dele. Cada um dos problemas que se colocaram nessas quase duas décadas de trabalho, confluíram, de uma ou de outra maneira, para a problemática urbana. O urbanista, o arquiteto, o ecólogo, têm sempre, por definição, problemas globais. Por mais que tentem cingir-se ao microcosmo, estarão sempre colcados diante do macrocosmo” (BERNARDES, 1975, p. 20).

<sup>4</sup> Em BERNARDES e CAVALCANTI (2010) há a transcrição do texto Revista Manchete (BERNARDES, 1965) e esta frase pode ser lida na na imagem da página 182 da referência bibliográfica.

Bernardes em Roraima – e o contexto de sua edificação, tanto teórico quanto histórico, que foram confrontados com textos e documentos publicados sob a chancela do LIC. Assim, o artigo se estrutura em consonância com os ditames da política desenvolvimentista para a Amazônia na década de 1970, visando indicar as correlações com essas ideias, em especial dos denominados terrismo e modelo hidráulico propostos pelo LIC, com a cidade de Caracarái.

### **“O MAL-ESTAR DE VIVER NO FEIO ME FAZ PRODUZIR COISAS BELAS”<sup>5</sup>**

Eclipsado na história da arquitetura brasileira por alguns contemporâneos e por discursos que lhe atribuem um tom de excentricidade, o arquiteto Sergio Bernardes foi, sem dúvida, um dos mais importantes nomes da Arquitetura Moderna Brasileira. Na década de 1960 já possuía produção e reputação sólidas e inquestionáveis no cenário da ovacionada arquitetura moderna brasileira como representante nacional. Em detrimento de uma unidade na produção, a elaboração e experimentação formal, na arquitetura de Bernardes, será entendida como “falta de preconceitos teóricos e de uma linha bem definida, fruto de uma abertura de espírito e uma disponibilidade tão completas que às vezes beiravam a utopia e a dispersão”, segundo Yves Bruand (2012, p. 289).

o estilo desses trabalhos era bastante heterogêneo: a frequente retomada das formas inventadas por Niemeyer estava lado a lado com pesquisas de geometria pura mais pessoais, sem que se pudesse notar uma evolução cronológica precisa. A preferência absoluta manifestada pelas técnicas modernas não levava a nenhuma especialização e o arquiteto passava, sem constrangimento, do concreto armado, aos vários tipos de estrutura metálica, numa série de tentativas bastante ecléticas; os materiais tradicionais surgiram frequentemente, junto com materiais mais recentes, como meio de acabamento e estes ou aqueles, conforme o caso, eram deixados aparentes, no estado bruto, ou eram disfarçados com revestimentos. Assim, os traços comuns ao conjunto resumiam-se numa nítida paixão pelas experiências de todo tipo e uma vontade marcante de fazer uma construção econômica (BRUAND, 2012, p. 289).

---

<sup>5</sup> Frase atribuída a Sérgio Bernardes, citada em CAVALCANTI, 2004, p. 74.

“O desejo de aplicação da tecnologia a favor da anticonvencionalidade, tendência que dominaria, cada vez mais, o futuro de seu trabalho” (CAVALCANTI, 2004, p. 40) seria consonante com a tríade atitudinal do LIC – perceptiva, criativa e sistematizadora – em cuja finalidade advinha destas, a fim de “desenvolver **novos conceitos** em harmonia como os que surgiram do desenvolvimento científico e tecnológico” (LIC-SBA, 1977, p.1, grifo do autor). No cenário nacional, a utopia da modernidade se consolida através da edificação de Brasília, além de outros tantos avanços científicos, técnicos, sob o discurso de progresso social. A arquitetura moderna promove novas formas de relação sócio espacial, sendo indutora de mudanças culturais. Enfim, a modernidade passa a crer na eutopia.

Por escolha própria, Bernardes busca novos caminhos para a vida pessoal e profissional fora do Brasil e de seu conforto de criador de grandes residências e ganhador de prêmios de arquitetura, em viagem que se torna ponto de inflexão em sua biografia. Nesse longo período terá contato com o criador da estrutura geodésica e um dos expoentes da Contracultura, o norte-americano Richard Buckminster Fuller (Massachusetts/EUA, 1985-1983), e recepcionará suas ideias, em especial “alcançar a melhora do ser humano através da mudança no meio ambiente e não no homem em si” (FULLER apud CAVALCANTI, 2004, p. 52). Em seu conjunto, a essa concepção de caráter holístico e planetário, nomeado terrismo.

O Sistema Homem jamais aceitará orientação do Homem... Somente o Sistema Terra, em se fazendo as correções no seu processo de evolução, pode ser o Sistema Político adequado ao Sistema Homem na sua fantástica velocidade de transformação, independência e participação reprimidas até hoje. O Homem aceitou a orientação do seu semelhante e foi explorado por uma minoria, transformando-se em lixo social (BERNARDES, c. 1975, in BERNARDES e CAVALCANTI p. 214, grifos nosso).

Retornando ao Brasil “Sergio resolve se dedicar a modernizar o moderno (...) a obra arquitetônica isolada cede lugar às pesquisas de materiais e sistemas, invadindo terreno tradicionalmente pertencente à esfera política e econômica da concepção de novas organizações da sociedade” (CAVALCANTI, 2004, p. 53) e insere essa lógica em um contexto político de regime autoritário e repressivo, a partir da defesa livre da

construção técnica e substanciada de suas propostas, fazendo Bernardes crer na “ilusão de estabelecer com o regime militar uma relação similar àquela que Niemeyer possuía com Juscelino” (IDEM, *Ibidem*, 55), muito embora sua atitude de diálogo não fosse subserviente nem sequer se reduzisse ao círculo conservador.

A ilusão de que se tornaria o arquiteto que daria formas ao regime militar se fortaleceu com a aproximação de Golbery do Couto e Silva. O mais culto dos militares – considerado a cabeça pensante do regime nos governos de Castello Branco, Ernesto Geisel e João Figueiredo – ficou, a princípio, fascinado com as ideias e a personalidade de Sérgio Bernardes. O convívio com o arquiteto, embora escasso, fornecia-lhe um refinamento intelectual e a oportunidade de debate profundo de temas geopolíticos, qualidades raras de encontrar em seus companheiros de caserna e governo (CAVALCANTI, 2004, p. 58).

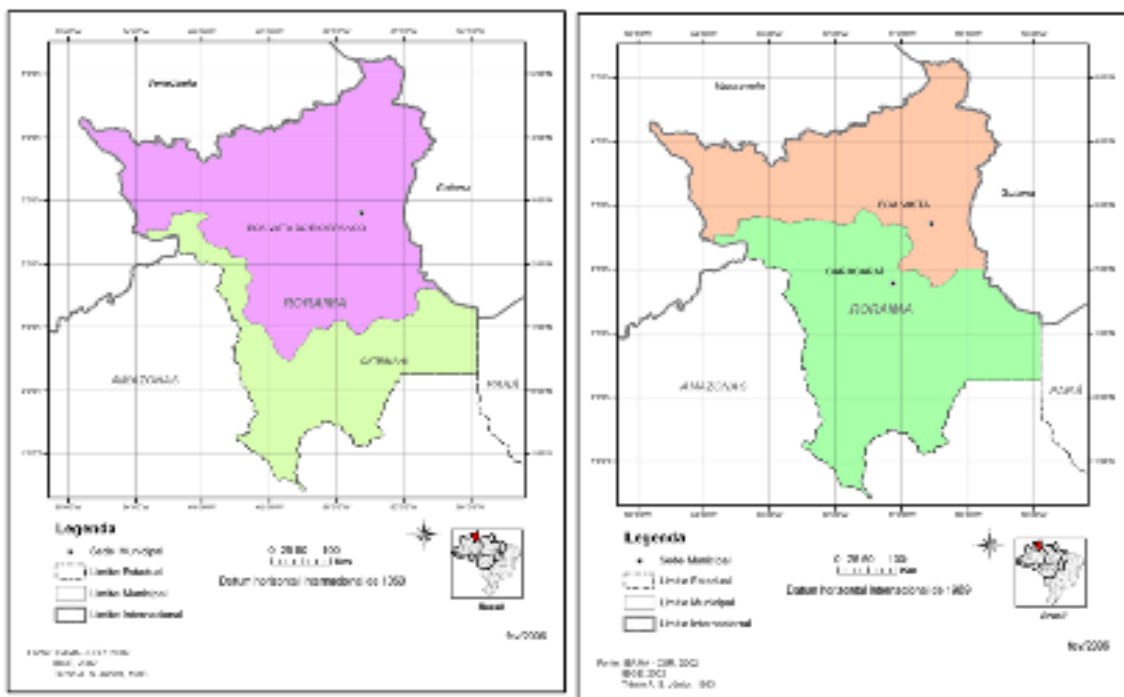
O governo federal, à época, também ressoava discursos eutópicos. “Estávamos na época do Brasil Grande, da Transamazônica, de Itaipú, da ponte Rio-Niterói. A integração era o tema preferencial na agenda do poder militar” (CAVALCANTI, 2004, p. 56).

Nesse momento surge uma política urbanizadora e de incentivos econômicos voltada para as regiões anteriormente relegadas a surtos desenvolvimentistas autônomos e isolados, como Norte e Nordeste. Será durante o governo do presidente General Ernesto Geisel (Bento Gonçalves/RS, 1907-Rio de Janeiro, 1996) que se inseriria a utopia bernardiana em Roraima, especialmente em Caracaraí, ao sul do estado.

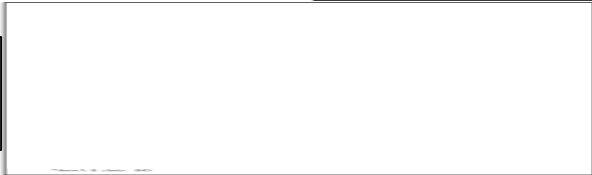
## **O lugar da utopia**

É pouco acima da Linha do Equador, em 1976, que se insere Bernardes em Roraima (MURIEL, 1980, p. 92), com respaldo documental de seu *curriculum vitae*, datado de 1991 (BERNARDES, 2017). Assim, entendendo a perspectiva holística de Sérgio Bernardes, suas intervenções arquitetônicas serão, a partir do aprofundamento de suas inquietações projetuais, elementos dentro de um sistema mais complexo e conceitual.

Portanto podemos perceber elementos desse discurso nas proposições da época<sup>6</sup> e nas intervenções em Caracaraí, em especial o edifício da Prefeitura Municipal, como elementos que coadunam com as ideias do LIC. Ao contrário das ideias desconectadas com o contexto amazônico como foi o projeto exógeno de Henry Ford para a produção da borracha<sup>7</sup>, por isso fadadas ao insucesso, Caracaraí surge como a consolidação da proposta deste arquiteto em escala de macro-desenvolvimento, sendo mais um ponto geográfico estratégico e notável escolhido por Bernardes para sua inserção projetual. A necessidade de projetos encontrará a proposição e o projetista.



Divisão de Roraima a partir de 1943



Divisão de Roraima a partir de 1955

<sup>6</sup> Essa aproximação de Bernardes com o regime militar foi, segundo seus biógrafos, controversa e trágica, pois “*valheu-lhe uma sólida antipatia por parte da esquerda. Antipatia que não era apenas simbólica, uma vez que esta ocupava postos-chave nos vários institutos e sindicatos de arquitetos, assim como em alguns setores de financiamento cultural do regime militar (...) isso sem nenhum benefício maior com setores da direita, que passaram a considerá-lo pouco confiável, anárquico e independente em excesso. (...) O ostracismo político de Bernardes, no final dos anos setenta, se refletiu em um contínuo caminho em direção ao universalismo de suas ideias, endereçadas cada vez mais ao ser humano em geral.*” (CAVALCANTI, 2004, p.59-60)

<sup>7</sup> Essa utopia de domesticação da floresta, já havia sido tentada por Henry Ford para a produção de borracha, introduzindo duas precursoras *company towns*: Belterra e Fordlândia, no oeste do Estado do Pará, entre as décadas de 1920 e 1940.



Figura 2: Divisão do Território Federal do Rio Branco, 1943 (1) e 1955 (2).  
Fonte: Silva, 2007, adaptado.

Historicamente temos que Caracarái surge a partir de processo espontâneo de ocupação, por ser o ponto de transbordo necessário para vencer a barreira seis quilômetros da corredeira Bem-Querer, no rio Branco, principal via de interligação da capital roraimense ao Brasil, através de Manaus. O primeiro influxo de desenvolvimento nacional se fez durante o período pós revolução constitucionalista e do Estado Novo<sup>8</sup>, com a criação de várias vilas e municípios, impactando a distribuição do território amazônico. Ainda pertencente ao Estado do Amazonas, em 1934, é criada a Vila de Boa Vista do Rio Branco com os distritos de Murupu e Caracarái, sendo o primeiro tido como zona rural de Boa Vista e, de acordo com Silva (2007), o segundo distrito possuindo menos de mil habitantes.

A partir do Decreto-Lei nº. 5,812, de 13 de setembro de 1943, cria-se o Território Federal do Rio Branco, composto pelos municípios de Catrimani e Boa Vista do Rio Branco; em nova divisão de Roraima, a partir de 1955 (Figura 2), os municípios passam a ser Caracarái<sup>9</sup>, de maior extensão territorial e menor população, e Boa Vista, com plano urbanístico implantado, sob o traço do engenheiro Darcy Aleixo Derenusson (Rio de Janeiro/RJ, 1916-2002), desenvolvido entre os anos de 1944 e 1945, gerando concentração das funções urbanas.

Na década de 1970, Caracarái se tornará o ponto nodal dos fluxos fluviais e rodoviários. No período do governo territorial do coronel-aviador Fernando Ramos Pereira, designado à função pelo presidente general Ernesto Geisel, que os planos de desenvolvimento para a região amazônica terão expressividade em Roraima.

Sob o slogan Ocupação, desenvolvimento, integração, Ramos Pereira perseguia os objetivos desenvolvimentistas do II PND e do POLAMAZÔNIA, como a urbanização de núcleos urbanos na

---

<sup>8</sup> Correspondendo à presidência de Getúlio Dorneles Vargas (São Borja, 1882/Rio de Janeiro, 1954), nos períodos de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954.

<sup>9</sup> Caracarái, mesmo sede municipal, assume importância secundária como povoado portuário: uma rua paralela ao rio Branco, duas transversais, com cinquenta e duas casas, a maioria em taipa, sendo apenas sete em alvenaria e oito em madeira, além de galpões em madeira contíguos ao porto (GUERRA, 1957).

fronteira com a Guiana e a Venezuela, a expansão da malha urbana de Boa Vista e a **completa remodelação urbana da cidade de Caracarái ponto de junção da BR 174 e da Perimetral Norte, ambas em construção no tempo de seu governo.** (SANTOS, 2013, p. 122, grifo nosso)

No ideário desenvolvimentista do período<sup>10</sup> (Figura 3), a Amazônia era vislumbrada como um grande vazio, que deveria ser ocupado por projetos de assentamentos, tratadas como estratégias de planejamento regional. Entre os anos de 1975 e 1976 ocorre a implementação das obras das rodovias BR-210 (leste-oeste, conhecida como Perimetral Norte) e BR-174 (norte-sul, ligando Manaus a Pacaraima, fronteira com a Venezuela) inauguradas pelo presidente Geisel em 7 de abril de 1977<sup>11</sup>.



---

<sup>10</sup>Boa Vista e Caracarái passam a ser consideradas estratégicas para a organização racional do espaço, dentro da proposta do II Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND), sendo a rede rodoviária importante elemento dentro destes planos, no período do chamado "milagre brasileiro", apontando para os modelos energéticos.

<sup>11</sup> Inconclusas, como grandes rasgos no meio da floresta, assim como a Rodovia Transamazônica, a BR-174 apenas teve seu total asfaltamento em 1996, sendo as pontes de madeira substituídas por outras, em concreto, apenas no século XXI.

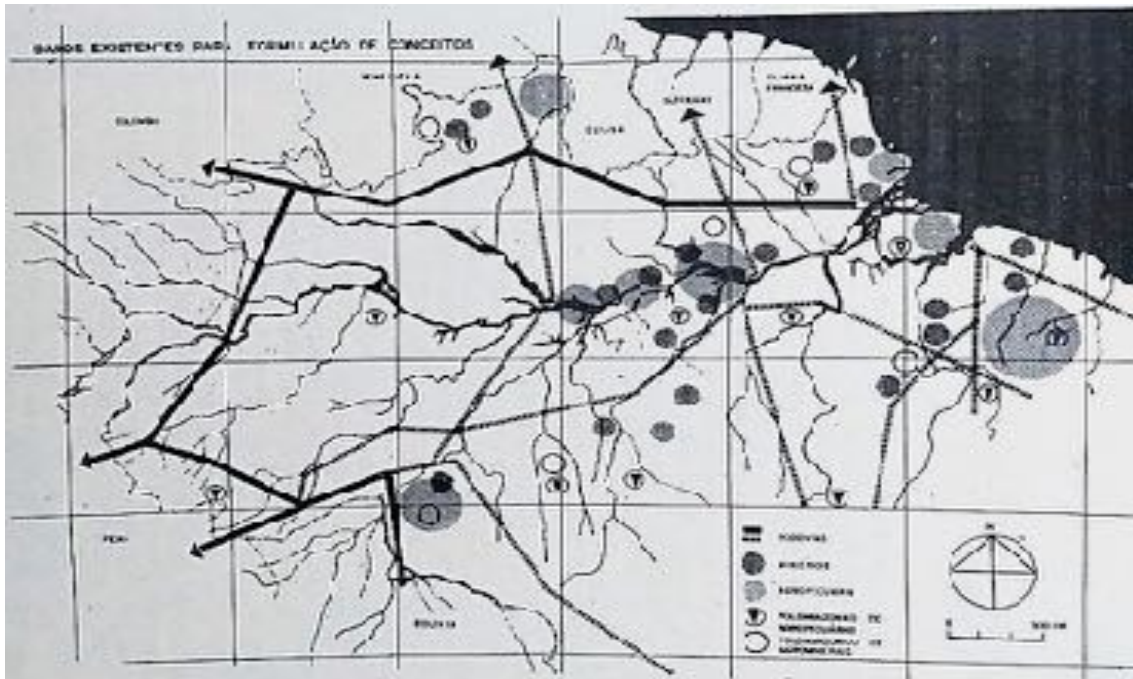


Figura 3: Modelo Hidráulico da Amazônia, indicando a posição de Caracará, em vermelho.  
 Fonte: LIC-SBA, 1977, p. 33, adaptado.

A cidade portuária de Caracarái passa a ser ponto estratégico onde se interceptam os fluxos das rodovias BR-174 e BR-210 com o do rio Branco. A vocação portuária passa a ser também importante.

## **Os planos do período**

Ponto importante na estratégia do período é a inserção do modal rodoviário como elemento de integração, visando à promoção do desenvolvimento brasileiro. As BR-210 e BR-174 permitiria a exportação da produção da Zona Franca de Manaus<sup>12</sup>.

Esse processo está de acordo com o lema da integração nacional, objetivando a integração leste e oeste do Brasil (portanto, nessa perspectiva que surgem os principais projetos estratégicos, tais como o PIN (Programa de Integração Nacional), criado em 1970, objetivando estender as rodovias e implantar projetos de colonização oficial na Amazônia e no Nordeste. Dessa forma, foi criado o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em julho de 1970 e, em 1971, o PROTERRA (Programa de Redistribuição de Terras e Estímulo Agroindústria do Norte e Nordeste). Dando continuidade a esse processo de intervenção estatal na Amazônia, o governo elaborou o I PND (I Plano Nacional de Desenvolvimento) válido para os anos de 1972 e 1974 e em 1974 foi elaborado o II PND para os anos de 1975 a 1979 (SILVA, 2007, p. 126).

Em Roraima inauguram-se rodovias, dentro do II Plano de Desenvolvimento da Amazônia (II PDA), que “concebiam um Modelo Amazônico de Desenvolvimento, que se chamava desequilíbrio corrigido. (...) Para o então Território Federal de Roraima, esta política foi realmente efetivada com a criação do POLORORAIMA em 1975, nascida dentro do Programa de Pólos da Amazônia” (SILVA, 2007, p. 126-127).

Este ato criava o incentivo financeiro para Roraima que nortearia (...) o acréscimo na escassa mão-de-obra local, de população externa via migração. Este programa de âmbito regional seria a estratégia da política de desenvolvimento e integração nacional, articulada pelas forças políticas de então (BARBOSA, 1993; in SILVA, 2007, p. 127).

Entendemos, portanto, que há uma intencionalidade clara no planejamento em grande escala para a região Norte, com especial atenção para a Amazônia Ocidental, tendo

---

<sup>12</sup> Regulamentada pelo Decreto nº 47.757/1960, ganha força a partir da criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA), sob a presidência nacional de Camilo Castelo Branco, primeiro presidente do período militar.

Manaus como foco de interesse desenvolvimentista, visto que o projeto desenvolvimentista apontava para o interior do Brasil.

## **Caracará: entre a utopia e os planos**

Algumas iconografias produzidas pelo LIC apontam para a ideia do terrismo que Bernardes desenvolveu a partir de seu contato com Fuller: a gestão dos recursos e meios de ordenação do mundo deveria ir ao encontro de uma consonância entre os agentes, estabelecendo

relação política, participativa e consciente, que no fim, acabaria por orientar o Estado e as organizações da sociedade civil na interação como potencial da Terra, transformando-o em bem-estar, por um lado, e na manutenção dos serviços ambientais, por outro (GUANAES, 2016, p. 19).

Sergio Bernardes assume seu discurso ideológico, projetual e, por consequência, político nesse período, a partir do “plano de intenção” que visava

concentrar a população em determinados **pontos geográficos, estrategicamente eleitos**, e dirigir a atividade especulativa com o objetivo de conciliar Homem e ambiente, regulando tempos de atuação do indivíduo e do Estado, para que a defasagem não dê nascimento à anomalia fatal do tempo vetorial do País (...) os pontos geográficos eleitos são o centro das isócranas<sup>13</sup> de 10 km de raio, nas quais é perfeitamente possível acomodar grandes aglomerações humanas sem destruir a natureza (BERNARDES, 1975, p. 31-32, grifos nosso).

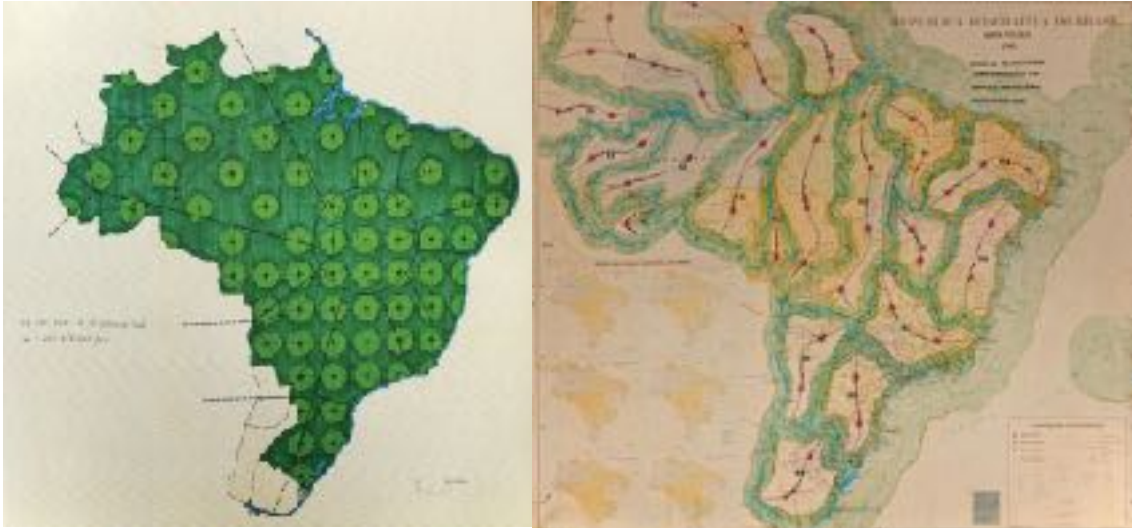
Estes pontos estrategicamente eleitos estão presentes em várias concepções do arquiteto (BERNARDES, 2014), onde a importância da escolha da implantação é condicionante da proposta projetual<sup>14</sup>, cuja autonomia estaria na "função da arquitetura [que] passaria a ser não a de embelezar a paisagem, abordagem decididamente passadista aos seus

---

<sup>13</sup> Bernardes fundamenta seu trabalho na proposição de “isócranas regressivas, que liberam áreas para a atividade humana, em vez das isócranas progressivas geradoras de megalópoles, que consomem espaços para a expansão desordenada e irracional. **Isócranas regressivas que contém as Rótulas Nacionais e Células Urbanas S.A.**” (BERNARDES, 1977, p. 32, grifo nosso).

<sup>14</sup> Tais como o Hotel Tambaú, o Hotel de Manaus e a sua própria residência, no Rio de Janeiro.

olhos, mas a de não enfeiar” (BERNARDES e CAVALCANTI, 2010, p.113), como o do edifício da Prefeitura de Caracarái.



Figuras 4 e 5: Projeto Brasil: Rótulas Nacionais e Modelo Hidráulico.

Fonte: BERNARDES e CAVALCANTI, 2010, p. 122-123.

Nos textos de sua assinatura ou cognominado LIC temos várias denominações para os projetos em escala macro, que variam de enfoque e denominação, para proposições para o terrismo, partindo da ideia do surgimento da primeira civilização tropical (BERNARDES, s/d, in BERNARDES e CAVALCANTI, 2010, p.216-218) a partir do Projeto Brasil (Figuras 4 e 5).

A designação abarca projetos que o arquiteto fez para a totalidade do território do Brasil. Num primeiro, feito entre os anos 60 e 70, depois de sobrevoar o país por ‘milhares de horas’, propôs um rearranjo do território nacional criando 17 ‘ilhas’ dominadas por rios importantes, que seriam interligadas por vias fluviais de navegação, criando uma nova divisão político-administrativa para a nação. O segundo, dos anos 70, é a proposta já descrita das aquavias (WISNIK, in BERNARDES e CAVALCANTI, 2010, p. 129)

Desta forma temos que vai ser através do LIC que as proposições serão gestadas e articuladas, do projeto arquitetônico à escala planetária<sup>15</sup>, de maneira a propor os fluxos (econômicos, materiais, informacionais, entre outros), sendo que "os planos de escala

---

<sup>15</sup> “Contudo esse visionário em verde e amarelo [defendia que] cada artefato integrava um sistema maior: em última instância, aquilo que Buckminster Fuller apelidou, em 1969, de 'espaçonave Terra'. Juntando as pontes do ideário tecnicista e ambientalista (CARDOSO; In BERNARDES; CAVALCANTI, 2010, p. 105-106).

maior pertenciam esfera geopolítica e dependiam, caso exequíveis, de pesadíssimos investimentos públicos” (CAVALCANTI, 2004, p. 55). O LIC assume o papel de protagonismo na sistematização dessas concepções, sendo o espaço pensante em busca de soluções que estariam disponíveis aos órgãos do Poder<sup>16</sup> capazes de executá-los. “assim, o homem egocêntrico, possessivo, ganancioso e frustrado, movido por sua visão própria dentro de sua curiosidade, assumindo a gestão de sua vida política para o melhor uso da Terra e de suas possibilidades, nasce o terrismo” (GUANAES, 2016, p. 19).

Assim, o Projeto Brasil, do LIC, parte das aquavias como anéis hídricos interligando as principais bacias brasileiras.

A proposta das aquavias<sup>17</sup>, instrumento de criação de uma 'primeira civilização tropical', segundo suas palavras, integra um conjunto de ideias que formam o chamado Projeto Brasil, no qual Bernardes extrapola o campo do urbanismo projetando o território em escala continental, com ênfase evidente nas questões de infraestrutura e sustentabilidade ecológica. Trata-se, certamente, de umas de suas propostas mais ambiciosas, e que hoje assume importância renovada diante da emergência global da agenda que postulou precedentemente de modo convicto, porém um tanto quixotesco, e às custas de grande sacrifício pessoal desde os anos 60 (WISNIK; In BERNARDES; CAVALCANTI, 2010, p. 124).

Podemos identificar a visão ampla de Sérgio Bernardes e, para o seu Modelo Hidráulico da Amazônia (LIC-SBA, 1977, p. 33), a interface clara entre os projetos do POLAMAZÔNIA, tanto agropecuário quanto agromineral, como um refinamento ou experimentação projetual, a partir das necessidades amazônicas, da proposta macro do Projeto Brasil, ao qual temos que, concluídas as proposições conceituais e de formulação global

modelos gerais simplificados, ligados exclusivamente a aspectos de conjunto, concebidos e elaborados em escalas reduzidas, deverão ser explorados, confirmando, controlando e acertando, partidos e rumos, relacionados com o condicionante aspecto hidráulico. Esses modelos são denominados de **modelos piloto** (LIC-SBA, 1977, p. 35, grifo nosso).

---

<sup>16</sup> Esse termo é bem definido, inclusive com toques críticos ousados para o período, em Bernardes (1975).

<sup>17</sup> Elemento primordial do modelo hidráulico do Projeto Brasil.

Desta forma, e sem alongar mais nos argumentos, podemos supor que Caracarái seja um desses “modelos piloto” propostos pelo LIC.

## **MAIS UMA FRONTEIRA**

Diante do apresentado, não podemos duvidar da importância de Caracarái para a produção de Sergio Bernardes, assim como o inverso. Contudo a ruptura, tanto do processo desenvolvimentista, quanto da compreensão da obra deste herói trágico do modernismo brasileiro, foi perniciosa

os meados dos anos setenta trouxeram um presidente militar mais ameno mas também o início da recessão. A crise internacional do petróleo de 1973 chegou ao Brasil, pouco depois, em termos de aumento de preços e racionamento (...) no início de um processo recessivo que expunha a fragilidade do milagre econômico e da fugacidade dos planos brasileiros de se tornar uma potência mundial. O futuro parecia não ter, mais uma vez, chegado” (CAVALCANTI, 2004, p.82).

Indubitavelmente a pesquisa sobre a contribuição ideológica e projetual de Bernardes neste período é necessária e urgente, devido à memória de algumas personagens e testemunhas da época, portanto não podemos desconsiderar, dentro do campo de sua genialidade incontestável, a dimensão de sua obra para a Amazônia e, especialmente, Roraima. Não cabe aqui avaliar seu discurso político ou sua posição, visto que esse tribunal já cumpriu seu papel na historiografia da arquitetura brasileira, mas é indispensável retornar a esta fronteira e refazer as trilhas e marcas deixadas, que alimentam a fé na capacidade de se acreditar no sonho de um demiurgo.

É preciso entender que, embora defendesse que "a primeira função da arquitetura é a não-presença. Sempre a intenção que ela assimile o lugar e se junte a ele mimeticamente” (BERNARDES, 2014), não podemos reverenciar a obra de Bernardes e sua dimensão, reconhecendo a sua presença para além da perspectiva mimética na paisagem, na grandiosidade de seus sonhos.



## REFERÊNCIAS

BERNARDES, Sergio. **Revista Manchete** n.678. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 17 de abril de 1965, p 42-87. Disponível em <http://www.bernardesarq.com.br/memoria/rio-do-futuro> Acesso em dez.2017.

BERNARDES, Kykah. **Sérgio Bernardes-pesquisa sobre projetos em Roraima (mensagem pessoal)**. Mensagem recebida por claudia.nascimento@ufr.br em 18 set. 2017.

BERNARDES, Kykah; CAVALCANTI, Lauro (orgs). **Sérgio Bernardes**. Rio de Janeiro: Artviva Editora, 2010.

BERNARDES, Sérgio, In BRANDT, Angela (org). **Arquitetos do Brasil/Architects from Brazil**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

BERNARDES, Sérgio. **Cidade, a sobrevivência do Poder**. Rio de Janeiro: Guavira Editores, 1975.

BERNARDES, Sérgio. **Curriculum Vitae (até maio de 1991)**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Projeto Memória (Acervo Sérgio Bernardes), 1991, 24 p. documento digitalizado.

**BERNARDES**. Thiago Bernardes (argumento); Direção de Gustavo Gama Rodrigues e Paulo de Barros (direção). Rio de Janeiro: Rinoceronte Produções, 2014. 92 min., som, formato digital.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2012 (tradução Ana M. Goldberger).

CAVALCANTI, Lauro. **Sérgio Bernardes: herói de uma tragédia moderna**. Rio de Janeiro: Relume Dumar Prefeitura, 2004. (série Perfis do Rio; v. 41).

DANIEL João. **Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas**. In: ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, v.1, 1975, Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1976. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/anais/anais\\_095\\_1975-1976\\_01.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/anais/anais_095_1975-1976_01.pdf). Acesso em: mai. 2014.

GUANAES, Felipe. **Sérgio Bernardes: doutrina de uma civilização tropical**. Rio de Janeiro: Editora PUC-RIO, 2016.

GUERRA, Antônio Teixeira . **Estudos Geográficos do território do Rio Branco**. IBGE, Publicação N° 13, 1957.

LIC-SBA. **Bônus Patrimoniais/Capitalização do Solo Urbano**. Rio de Janeiro: Laboratório de Investigações Conceituais/Sérgio Bernardes Associados, 1977.

MURIEL, Emanuel. **Contemporary Architects**. London: The MacMillian Press Ltd, 1980.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos Santos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. **Política e poder na Amazônia: o caso de Roraima (1970-2000)**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2013.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1999**. São Paulo, EDUSP, 2010.

SILVA, Paulo Rogério de Freitas. **Dinâmica territorial urbana em Roraima Brasil**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007 (tese do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana).